
Análise semiótica do discurso de Nelson Rodrigues nos contos de “A Vida Como Ela É...”

Eniel Espírito Santo

Doutor em Educação, Mestre em Gestão Integrada de Organizações, Especialista em Psicologia Organizacional, Bacharel em Administração de Empresas. Professor universitário e pesquisador. – Faculdade Internacional de Curitiba; Docente do Programa de Pós-graduação da Faculdade Internacional de Curitiba, Faculdade de Tecnologia Internacional. Curitiba – PR [Brasil] enielsanto@gmail.com

Mylla Oliveira de Almeida

Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Produção Editorial – Faculdade Hélio Rocha Curitiba – PR [Brasil] almeidamylla@gmail.com

Este artigo trata do conceito semiótico da escola francesa e do percurso gerativo de sentido que possibilitam uma análise de contos escritos e selecionados por Nelson Rodrigues, para mostrar o sentido existente em seu discurso e o porquê das temáticas usadas repetidamente, que fizeram de seus textos um grande sucesso de público. Os três contos analisados mostram os temas e figuratições, usadas pelo autor, que deixaram seus contos sempre recheados de realidade e veracidade. São temas que remetem a todo tipo de relações familiares, sempre guiadas pelos opostos amor e ódio, fidelidade e infidelidade. O trabalho conclui mostrando como Nelson Rodrigues utilizou em seus contos figuras que representaram a sociedade brasileira da época, mas que continua atual, por ser livremente inspirado na realidade do dia-a-dia.

Palavras-chave: Contos. Discurso. Nelson Rodrigues. Semiótica.

1 Introdução

“A vida como ela é...” surgiu como uma coluna que Nelson Rodrigues escreveu durante uma década (1951-1961), *Jornal Última Hora*, e que lhe rendeu cerca de 2.000 contos. Entre eles, foram publicados os 100 melhores contos – escolhidos pelo próprio autor – no livro que levou o mesmo título da coluna.

No papel foram descritos os dramas e tragédias que sugeriam a vida real do povo brasileiro. Além das temáticas usadas, a linguagem coloquial e os diálogos ágeis tornaram a coluna de grande sucesso popular. Propõe-se, como problema central nesse trabalho, pensar a mensagem semiótica do discurso de Nelson nesses tão aclamados contos, observando as estruturas significantes do seu discurso, o que esses contos representavam para a sociedade da época (década de 1950) e qual o significado da temática que se repete em todos os contos – a traição.

Para isso, este artigo tem como objetivos caracterizar os princípios básicos da Teoria semiótica do texto e os fundamentos da linguagem; explicar e esclarecer os fatos históricos, sociais e pessoais de Nelson Rodrigues e, por fim, analisar três contos do livro “A vida como ela é...” para mostrar as mensagens que ele apresenta à sociedade. Discute-se, por meio deste trabalho, uma relevante parte da obra de Nelson Rodrigues, que ainda hoje é considerada atual, e desperta debates sobre seus temas de amor e ódio e sobre suas polêmicas características: reacionarismo e machismo conservador.

Para entender o sucesso e a importância desse dramaturgo na literatura brasileira, os conceitos da teoria semiótica do texto e os fundamentos de linguagem utilizados serão satisfatórios para mostrar qual o sentido e o porquê das construções ideoló-

gicas presentes nos textos dos contos utilizados, a saber, “A dama da lotação”, “Os noivos” e “Veneno”. Tais contos foram escolhidos para análise, pois evidenciam, com mais clareza, os pressupostos da teoria semiótica.

A teoria semiótica francesa é explorada nesse trabalho, exatamente por fazer uma associação da análise objetiva e estrutural do texto com uma abordagem subjetiva, mais recente e que analisa duas instâncias: a social e/ou a individual do enunciador e do receptor (DINIZ, 2000). Para Greimas (apud BARROS, 2001), a língua não é um sistema de signos, mas um conjunto de significações, o que leva ao entendimento de que a semiótica não se ocupa apenas do signo, mas da significação. Além do que o texto diz, analisa-se como ele faz para dizer.

2 Teoria semiótica do texto

A Teoria semiótica abordada traz elementos essenciais para a posterior análise dos contos de Nelson Rodrigues. Foi desenvolvida por A. J. Greimas e pelo Grupo de Investigações sêmio-linguísticas, da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais durante três décadas (1960-1980). De origem francesa, é uma vertente que se preocupa com o texto e inicialmente foi fundamentada por F. Saussure e L. Hjelmslev, tendo como preocupação inicial a organização do texto verbal. Hoje, faz uma associação dessa análise objetiva e estrutural com uma abordagem subjetiva, mais recente e que analisa duas instâncias: a social e/ou a individual do enunciador e do receptor. (DINIZ, 2000).

Para Greimas (1967 apud DINIZ, 2000), a língua não é um sistema de signos, mas um conjunto de significações, o que leva ao entendimento de que a semiótica não se ocupa apenas do signo,

mas da significação. Além do que o texto diz, analisa-se como ele faz para dizer, tendo como objeto: o sentido. Neste contexto, a semiótica não se restringe ao estudo do signo ou da comunicação, pois pretende mostrar as estruturas significantes que modelam o discurso e, para isso, atua nas mais diversas áreas: literatura, cultura de massa, artes, imagens, história, entre outros.

De acordo com Barros (2001), é necessário determinar o que é o texto para, enfim, caracterizar uma teoria semiótica. Há duas formas complementares de texto: a primeira, como objeto de significação que estuda os mecanismos que o estruturam, dando-lhe sentido: é a chamada análise interna ou estrutural do texto. Na segunda, ele já se apresenta como objeto de comunicação e, assim, passa a fazer parte de uma sociedade e é determinado por formações ideológicas específicas, sendo denominado análise externa do texto. Ambos se criticam entre si, o primeiro, também chamado reducionista, e o segundo, de subjetivo. No entanto:

[...] o texto só existe quando concebido na dualidade que o define – objeto de significação e objeto de comunicação – e, dessa forma, o estudo do texto com vistas à construção de seu ou de seus sentidos só pode ser entrevisto como o exame tanto dos mecanismos internos quanto dos fatores contextuais ou sócio-históricos de fabricação do sentido. (BARROS, 2001, p. 7).

Para explicar o que diz o texto e como diz, a semiótica examina a organização estrutural e os mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto e tem como objeto de estudo o texto, tanto oral quanto escrito, visual ou gestual. Essa diversidade de possibilidades textuais dificulta o seu estudo,

fazendo com apareçam teorias específicas para cada tipo de texto. No entanto, a semiótica entende a necessidade de uma teoria geral do texto e propõe uma análise não do tipo de texto, mas com base em seu conteúdo. Segundo Barros (2001), entende-se por semiótica, “[...] a teoria que procura explicar o ou os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu plano de conteúdo”. (p. 8)

A semiótica, para construir esse plano de conteúdo, utiliza o percurso gerativo do sentido que é constituído de três níveis que se relacionam para que o texto tenha sentido: o fundamental, o narrativo e o discursivo. O nível fundamental é o mais simples e abstrato, nele se apresenta a oposição dos valores que sustentam o texto e que pertencem à mesma categoria semântica. É o caminho que o texto percorre podendo ir do positivo ao negativo (oposições semânticas).

No segundo nível, o narrativo, a narração é organizada do ponto de vista do sujeito que promoverá transformações no texto, demonstrando a interpretação dos valores (oposições semânticas) já encontrados na primeira etapa. Por fim, há o terceiro nível, o da estrutura discursiva, quando o texto adquire características próprias. Nessa última etapa, as oposições fundamentais que foram transformadas em valores narrativos, agora se desenrolarão como temáticas por meio de abordagens como espaço, tempo e pessoa (BARROS, 2001). Cada nível apresenta uma estrutura sintática e uma semântica.

3 Nível fundamental

No nível fundamental, as categorias semânticas estão na base de construção do texto e se baseiam na oposição, exemplo: vida/ versus/

morte. No entanto, é necessário que tenham algo de semelhante, para então se encontrar a diferença, exemplo: feminilidade/ versus/ masculinidade, ambos estão em um mesmo domínio: a sexualidade e são opostos.

De acordo com Fiorin (2001), cada um dos elementos recebe uma qualificação semântica: euforia ou disforia. A euforia remete à positividade do termo e a disforia à negatividade. Por exemplo, num texto de ambientalistas, o termo eufórico será a natureza e o disfórico será a civilização, vista de maneira negativa.

A sintaxe do nível fundamental compreende duas operações: a negação e a afirmação. Sendo assim, durante o texto, as duas operações podem ocorrer com os termos opostos, gerando as seguintes relações: afirmação – afirmação – negação ou negação – negação – afirmação. A semântica e a sintaxe, nesse nível, representam o início do percurso gerativo e explicam o nível mais abstrato da interpretação do discurso.

4 Nível narrativo

Para apresentar esse nível, primeiro é necessário distinguir os termos narratividade e narração. A narratividade é presente em todos os textos, pois ocorre quando há um estado inicial, uma transformação e um estado final, enquanto a narração refere-se a uma determinada classe de texto. Abordada ainda como um componente da teoria do discurso, é apreendida como uma transformação de conteúdo. (FIORIN, 2001)

A sintaxe narrativa tem dois tipos de enunciados: o de estado, que estabelece relação de disjunção se negar e conjunção, se afirmar e o estado de fazer quando há uma transformação de pas-

sagem no enunciado (algo num estado inicial se torna outra coisa no estado final). O enunciado de estado engloba duas possibilidades de narrativas. Pode ocorrer um estado inicial conjunto e um final disjuncto, chamado privação, pois passa do afirmativo para o negativo ou ainda o outro tipo, chamado liquidação, que é exatamente o contrário, em que há um ganho quando o enunciado passa de negativo para positivo.

Fiorin (2001, p. 22) afirma que:

Os textos não são narrativas mínimas. Ao contrário, são narrativas complexas, em que uma série de enunciados de fazer e ser (de estado) estão organizados hierarquicamente. Uma narrativa complexa estrutura-se numa seqüência canônica, que compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a *performance* e a sanção. (grifo do autor)

Na fase da manipulação, há a ação do sujeito sobre outro para levá-lo a fazer alguma coisa, ressaltando que o sujeito nem sempre é uma pessoa, mas um papel narrativo. A manipulação pode se manifestar como uma tentação, uma intimidação, uma provocação ou uma sedução.

A fase da competência traz “[...] o sujeito que vai realizar a transformação central da narrativa como dotado de um saber e/ou poder fazer” (FIORIN, 2001, p. 23). Algum fato é utilizado no texto para representar o “poder” que ele tem de fazer alguma coisa. Na fase da performance é quando ocorre a transformação em si e, na última fase, a sanção, há a constatação da performance e que o sujeito fez essa transformação acontecer. É nessa última fase, por exemplo, que segredos e mentiras do texto são revelados (FIORIN, 2001).

As fases supracitadas não precisam necessariamente ocorrer numa ordem específica, ou ainda, não serem completamente concluídas e a narrativa ressaltar apenas uma das fases, parando nela.

Na semântica narrativa, os valores são traçados nos objetos que podem ser de dois tipos: modais e de valor (BARROS, 2001). Os modais são: querer, saber, poder fazer e são necessários para realização da performance, os de valor são os que apontam a conjunção ou disjunção no texto. Fiorin (2001) alerta que nem sempre o valor do nível narrativo é igual ao objeto manifestado no percurso gerativo, sendo valor de nível narrativo o significado que o objeto tem para o sujeito.

5 Nível discursivo

Neste nível, as formas abstratas anteriores se concretizam. Nele são produzidas as variações de conteúdos narrativos e o texto ganha características próprias. O sujeito da enunciação se põe no texto, fazendo as colocações de tempo, espaço, tudo que constitui a narrativa. Barros (2001) afirma que “[...] o discurso nada mais é, portanto, que a narrativa ‘enriquecida’ por todas essas opções do sujeito da enunciação, que marcam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia”.

A análise discursiva utiliza aspectos deixados de lado durante o percurso até então, como as projeções de enunciação e os recursos de persuasão usados pelo sujeito. A sintaxe do discurso explica qual a relação entre o enunciador e o enunciatário, pois é na estrutura discursiva que se percebe o valor sobre qual o texto foi feito. Dessa forma, esse nível mostra as condições de produção do texto.

A projeção de enunciação é a análise da semiótica sobre a relação entre enunciação e discurso. O sujeito da enunciação esboça várias opções de projeção de discurso, de acordo aos efeitos de sentido que deseja produzir. O estudo dessas enunciações é feito para examinar quais os elementos usados na construção do discurso e que efeitos de sentido eles irão causar. (BARROS, 2001).

Para verificar essas projeções de discurso e descobrir quais procedimentos foram utilizados na construção de um discurso e suas implicações, Barros (2001) parte do princípio de que todo discurso tenta persuadir seu receptor de alguma verdade e, para isso, utiliza os efeitos: de proximidade/ distanciamento e o de realidade/ referente e as relações entre enunciador/ enunciatário.

A proximidade ou distanciamento da enunciação é um recurso usado para gerar uma ideia de imparcialidade no texto. Pelo emprego da terceira pessoa, por exemplo, tem-se um determinado efeito de verdade e, ao mesmo tempo, afasta-se da responsabilidade sobre o que foi dito. Esse artifício é chamado de *desembreagem* enunciativa e é frequentemente empregado pelo enunciador. (BARROS, 2001).

A realidade ou referente é posto no texto para dar um tom de realidade e credibilidade ao discurso, pela utilização das próprias palavras de um interlocutor no texto.

Por efeitos de realidade ou referente entendem-se as ilusões discursivas de que os fatos contados são “coisas ocorridas”, de que seus seres são de “carne e osso”, de que o discurso, enfim, copia o real. [...] são ilusões criadas, efeitos de sentido produzidos no discurso graças a procedimentos diversos. (BARROS, 2001, p. 59)

As relações entre enunciador e enunciatário ocorrem de modo que o enunciador é definido como destinador-manipulador e é responsável pelos valores contidos no discurso e considerado capaz de levar o enunciatário a fazer e acreditar. Barros (2001) complementa que “[...] a manipulação do enunciador exerce-se como um fazer persuasivo, enquanto ao enunciatário cabe o fazer interpretativo e a ação subsequente”. Tanto a manipulação quanto a interpretação se manifestam pelo discurso.

Para conseguir conhecer o enunciador e enunciatário é necessário fazer a análise do texto, passando por todos os níveis do percurso gerativo de sentido. Será no último nível do discurso que essa relação será revelada. Os principais aspectos da manipulação, na perspectiva de Barros (2001), são: o contrato estabelecido entre enunciador e enunciatário e os meios empregados na persuasão e interpretação.

Com o discurso, o enunciador conduz o enunciatário para que interprete o que diz como verdade. Para isso são utilizadas marcas culturais e sociais que fazem parte das crenças do enunciatário e que irão fazê-lo acreditar ou não no que ler. O próprio discurso constrói a verdade, o seu autor não o produz verdadeiro ou falso, mas utiliza efeitos para que seja interpretado de uma maneira ou de outra.

O sujeito traz para o discurso como procedimentos semânticos, ainda, a tematização, em que se estabelecem seus valores e formam os percursos e a figuratização, uma figura que represente a temática escolhida para o enunciatário e o faça acreditar na veracidade do discurso. (BARROS, 2001).

Os temas no texto se repetem com as figuras e sua repetição e a recorrência desses procedimentos num discurso chama-se isotopia e é o que proporciona a coerência semântica. (BARROS, 2001). Há dois tipos de isotopia: a temática e a figurativa. A te-

mática é a repetição de unidades semânticas abstratas, por exemplo a palavra “banho” tendo o mesmo valor em um texto que as palavras “limpeza” ou “purificação”. (BARROS, 2001). Já a isotopia figurativa é caracterizada pela recorrência de figuras que trazem ao discurso a imagem de realidade.

Essa abordagem traz a possibilidade de uma análise semiótica pelo percurso gerativo de sentido, atribuindo-a aos níveis fundamental, em que se constrói o mínimo possível de sentido no texto, passando pelas estruturas narrativas que, enfim, tornam-se o discurso. É importante para a proposta do trabalho de atribuir sentido aos contos de Nelson Rodrigues e analisá-los de forma a perceber os níveis e os processos semânticos utilizados.

6 Análise de Contos de “A vida como ela é...”

Nelson Falcão Rodrigues nasceu em Recife, Pernambuco, no dia 23 de agosto de 1912. Crescido em meio a treze irmãos, o cenário de sua infância remete principalmente a seus contos: Rio de Janeiro, e segundo Castro, 2007: “[...] era também uma vizinhança de solteironas ressentidas, de adúlteras voluptuosas e, não se sabe por que, de muitas viúvas – machadianas, só que com gazes enroladas nas canelas, por causa das varizes.” (p. 21).

Em 1918, um surto da chamada “gripe espanhola” aterrorizava o país, provocando a morte de milhares de pessoas, sendo controlada apenas no ano seguinte. Para recuperar o estado do Rio de Janeiro foi armado o maior carnaval do século, chamado de o carnaval da ressurreição, que trouxe o samba pela primeira vez como trilha sonora dos carros de som. Em meio a todos esses acontecimentos, Nelson, aos 7 anos, acompanhava milhares de

mulheres nas ruas, pintadas e seminuas dançando em carro aberto.

Sobre o episódio, ele escreveu anos depois que o fim da “espanhola” trouxera uma onda erótica para a cidade que parecia se entregar à vida, com medo de que ela pudesse acabar novamente. Assim, suas descobertas sobre o mundo se deram entre seus 7 a 10 anos de idade.

Aos seus olhos, uma única adúltera na rua Alegre tornava suspeitas todas as esposas do mundo. Uma viúva que saísse de batom à rua, menos de seis meses depois de enterrar o marido, era um aviso a todos os maridos que um dia viessem a morrer. (CASTRO, 2007, p. 28.)

Durante toda a sua infância presenciou discussões por causa das crises de ciúmes de seu pai, era ouvinte das experiências de seus irmãos e começara a ler tudo o que conseguia – revistas, livros, folhetins. Entre esses livros, estavam o que se chamava de sublitteratura, os temas eram invariavelmente amores impossíveis, a morte como punição para o sexo, vinganças e cadáveres.

Na adolescência era considerado um depressivo, dizia para quem quisesse ouvir que era um triste, o que sua mãe acreditava ser pelas inúmeras desilusões amorosas que contava ter. No entanto essa angústia e determinação para que todos o esquecessem tinha outro motivo: a sua vontade de escrever era imensa, mas o que escrevia nunca mostrava a ninguém.

Aos treze anos começou a trabalhar na redação do jornal de seu pai, como repórter de polícia. “Quase todos os crimes envolviam paixão ou vingança. Maridos matavam mulheres por uma simples suspeita, sogras envenenavam genros [...]”

namorados faziam pactos de morte...” (CASTRO, 2007, p. 47). As matérias eram feitas na própria delegacia e, de volta a redação, entregavam ao redator para o acréscimo dos detalhes fictícios.

Em 1929, aos 17 anos de idade presenciou uma cena de violência que marcaria sua vida. Após uma publicação de matéria sobre desquite e adultério no jornal, a mulher adúltera em questão – jornalista conhecida no estado – foi até a redação procurar por Mário Rodrigues, pai de Nelson e dono do jornal. Não o encontrou e na sua falta matou o filho Roberto Rodrigues em seu lugar, fato presenciado por Nelson Rodrigues que estava com o irmão no dia do ocorrido. Tomado pela culpa, Mário Rodrigues passou a beber cada vez mais, emagreceu bastante e 67 dias após o assassinato do filho, morreu vítima de trombose cerebral.

Apenas aos 30 anos Nelson começou a escrever suas famosas peças e as críticas eram as melhores. Nos palcos de teatro, com os melhores atores era ovacionado como um autor sério, enquanto isso, para não perder essa imagem, assinava folhetins com o pseudônimo de Suzana Flag e que tinha como título “Meu destino é pecar”.

7 A vida como ela é ...

Nelson Rodrigues em 1951 estava desempregado e pouco saía de casa, até receber um convite que o fez voltar para a antiga vida de jornal. Samuel Wainer lançou o Jornal Última Hora e chamou Nelson para escrever uma coluna em que relatasse fatos reais da página policial. Título sugerido pelo autor: “A vida como ela é...”

O acertado pelos dois foi que “Nelson ficaria em cima dos assuntos do dia, que o chefe de reportagem lhe passaria as pautas.” (CASTRO, 2007,

p. 236.). O resultado não poderia ser diferente e, quando seu chefe descobriu, as histórias que inventava na coluna já eram o maior sucesso na cidade. Como tema usava sempre a mulher adúltera, jovens desempregados, o cenário do Rio de Janeiro, o conflito entre o desejo das mulheres e a culpa e representação da época.

Sobre sua coluna “A vida como ela é”, o próprio Nelson Rodrigues ponderou:

A vida como ela é enterra suas raízes onde? Nos fatos policiais. A matéria-prima, que necessariamente uso é, e aqui faço dois pontos: punhalada, tiro, atropelamento, adultério. Pergunto: posso fazer, de uma punhalada, de um tiro, de uma morte, enfim, um episódio de alta comichade? Devo fazer rir com o enterro das vítimas? [...] A vida como ela é se tornou justamente útil pela sua tristeza ininterrupta e vital. Uma pessoa que só tenha do mundo uma visão unilateral e rósea, e que ignore a face negra da vida, é uma pessoa mutilada. (RODRIGUES apud CASTRO, 2007, p. 238).

Essa afirmação mostra o que Nelson Rodrigues deseja expor em seus contos, isto é, escancarar os problemas da família brasileira, trazer a vida real para o público que se identificava cada vez mais com a coluna. Seus contos culminaram numa grande repercussão e aceitação do público que trazia nos ônibus cheios um jornal dobrado na página de “A vida como ela é...” e tinha também, ao contrário dos folhetins, uma grande plateia masculina. (CASTRO, 2007)

Da coluna de grande sucesso e que trouxe de volta à vida de Nelson Rodrigues em seus tempos

de glória, surgiu o livro “A vida como ela é...” com 100 contos selecionados pelo próprio autor em 1961. Entre esses maravilhosos contos, constam três nesse trabalho: “A dama do lotação”, grande sucesso que se tornou um dos episódios do seriado televisivo “A vida como ela é...” e um filme em 1978, “O escravo etíope” e “Homem fiel”.

8 Conto “A dama do lotação”

O conto “A dama do lotação” tem como conteúdo fundamental a desconfiança do marido, que passa a observar as ações da mulher e da relação entre ela e seu melhor amigo. A desconfiança, dessa forma, aparece no texto como termo disfórico, pois traz a categoria negativa ao texto. Por outro lado, há a família do marido que confia na mulher, dando ao termo confiança uma categoria eufórica, ou seja, a parte positiva, representada no texto como o pai do marido: “O velho e diabético poderia pôr a mão no fogo pela nora. Qualquer um faria o mesmo.” (RODRIGUES, 2006, p. 36). Entre os opostos encontrados no texto, há ainda a dúvida do marido como negativa e como sua oposição positiva a certeza da traição, obtida pela revelação da mulher: “– Ele não foi o único! Há outros!” (idem, p. 38).

A suspeita do marido é o fato que move a narrativa da história. A mulher, até então considerada por todos como íntegra e acima de qualquer suspeita, participa da primeira situação que leva a comprovação do marido:

Era desses amigos que entram pela cozinha, que invadem quartos, numa intimidade absoluta. No meio do jantar acontece uma pequena fatalidade: cai o guardanapo de Carlinhos. Este curva-se

para apanhá-lo e então, vê, por debaixo da mesa, apenas isso: os pés de Solange por cima dos de Assunção ou vice-versa. (idem, p. 36).

No nível narrativo do conto, pode-se perceber a dúvida que se instala no marido que é agora movido pelo ciúme: “Se for verdade o que desconfio, meu pai, mato minha mulher!”, (idem, p. 36), e um encontro repentino com o amigo da situação anterior faz aparecer outro fator para afirmar o estado de desconfiança: a mentira. Na rua, o amigo conta: “Ontem viajei no lotação com tua mulher.” E, ao chegar em casa, primeira pergunta: “– Tens visto o Assunção?” Resposta: “Nunca mais.” (idem, p. 37).

O sujeito passa a ver esse fato como prova da infidelidade e há um primeiro momento de afirmação *versus* negação. A polêmica da narração é desvendada quando o marido mente para conseguir uma confissão, relata que um detetive particular havia sido contratado para espioná-la e, então, consegue não só a certeza que almejava, mas uma relação de nomes com os quais já havia sido traído.

O desfecho do conto traz a marca do discurso rodrigueano. “– Morri para o mundo.” (idem, p. 38) é a frase do marido que conclui sua reação, deita na cama vestido de paletó e gravata e declara-se morto. A mulher, então, aceita a morte do marido e passar a rezar ao lado da cama:

Depois do que ela própria fazia nos lotações, nada mais a espantava. Passou a noite fazendo quarto. No dia seguinte, a mesma cena. E só saiu, à tarde, para sua escapada delirante, de lotação. Regressou horas depois. Retomou o rosário, sentou-se e continuou o velório do marido vivo. (idem, p. 39).

A realidade necessária ao texto é obtida dos recursos de distanciamento e de efeito de realidade utilizados pelo autor. Nelson utiliza a terceira pessoa para narrar os fatos: “Carlinhos não disse uma palavra; lívido, foi ao gabinete, apanhou o revólver e o embolsou” (idem, p. 37), pode-se notar, então a falsa ideia de realidade que o texto tenta passar, pois nele constam projeções do autor. Há, ainda, uso de discurso direto no conto, em que o autor cede a palavra aos interlocutores: “– Brigo com você! Rompo! Não te dou nem mais um tostão!” (idem, p. 35). Essa fala traz veracidade ao conto, ocorre uma proximidade com o leitor que entende os interlocutores como reais, pois o discurso copia o real.

9 Conto “Os noivos”

Esse conto apresenta oposições que mais uma vez remetem a confiança x desconfiança, fidelidade x infidelidade, tema mais explorado por Nelson em seus contos e traz essas relações de oposição entre pai, filho e nora. Como conteúdo fundamental há um filho que segue todos os conselhos do pai: “Salviano se habituara a prestar contas quase diárias, ao pai, de suas idéias, sentimentos e atos”. (RODRIGUES, 2006, p. 440) que, por sua vez, o aconselha sobre seu relacionamento amoroso. A nora mostra-se a perfeita mulher e a afirmação da relação de confiança é selada com o compromisso de não se beijarem até o casamento.

A narrativa tem desdobramento polêmico quando os valores estabelecidos se opõem. O noivo recebe a notícia: “Sua noiva acaba de sair do meu consultório. Para encurtar a conversa: vai ser mãe!” (idem, p. 440). Há uma ação no conto que altera o estado do sujeito de racional e centrado para emo-

cional e impulsivo. A reação à notícia é a esperada em um conto rodrigueano: “Ela merece um tiro!” (idem, p. 441), porém a intervenção de um interlocutor, o pai, faz a narrativa transcorrer de outra forma: “Antes de ti, Edila teve um namorado. Deve ter sido ele. Se fosse comigo, eu matava o cara que. . .” (idem, p. 441).

Essa frase é um importante recurso utilizado pelo autor para se distanciar do discurso e obter, da ação do sujeito, os efeitos de sentido desejados, pois a utilização da figura do pai é o necessário para guiar o sujeito: “[. . .] considera o pai uma espécie de Bíblia.” (idem, p. 437). Ainda, quando utiliza a figura do pai para incitar a impulsividade do filho, o autor começa a mostrar aos leitores que há também uma controvérsia nos valores que regem esse personagem que se aproveita da confiança do filho em seus conselhos. É, assim, que Salviano passa de querer matar a mulher, à procura de um novo culpado, o ex-namorado:

De manhã, passou pela casa de Edila. Com apavorante serenidade, em voz baixa pediu o nome do culpado. Diante dele, a garota torcia e retorcia as mãos: “Não digo! Tudo menos isso!” Ele sugeriu desesperado: “Foi o Pimenta?” O Pimenta era o antigo namorado de Edila. Ela dizia: “Não sei, não sei!” Salviano saiu, dali, certo. (idem, p. 441).

Essa passagem traz mais uma vez a certeza: a de que o foco discursivo desse conto não é a traição da mulher, mas a relação de confiança de um filho com o pai, pois suas atitudes são sempre tomadas com base no discernimento paterno. E isso o leva a não enxergar os fatos, pois a visita à casa da mulher, por exemplo, é apenas um meio de confirmar as

conclusões do pai, tanto que Salviano sequer atenta para o diálogo. Dessa forma, como esperado, tem a mesma reação ao encontrar Pimenta: “Antes que o Pimenta pudesse esboçar um gesto, matou-o, com três tiros, à queima-roupa” (idem, p. 441).

Depois do ocorrido há um acontecimento que demonstra o seu entendimento dos fatos: “[. . .] ele virou a arma contra si mesmo e estourou os miolos” (idem, p. 441). Após perceber que ao seguir mais um conselho de seu pai, poderia ter matado um inocente, foi tomado pela culpa e não conseguiria viver com isso. Para fechar o conto, durante o velório de Salviano, há uma cena definitiva: “Em dado momento, o velho bate no ombro de Edila e a chama para o corredor. E, lá, ele, sem uma palavra, aperta entre as mãos o rosto da pequena e a beija na boca, com loucura.” (idem, p. 442). Por fim, o autor utiliza uma frase que encerra o discurso hipócrita do pai durante todo o conto: “Foi melhor assim. Ninguém desconfia. Ótimo.” (idem, p. 442).

Percebe-se, no início, a figura do pai como centro da história, descrevendo-o como um guia, em que se confia sem pensar. O conto, porém, humaniza a figura desse pai no sentido de que, como qualquer ser humano, ele está apto a cometer absurdos e errar. Essa abordagem, é claro, explora a questão dos problemas de caráter do homem, uma marca de vários contos de Nelson, sempre preocupado em transmitir a realidade por meio das falhas e contradições do ser humano.

10 Conto “Veneno”

O conto “Veneno” tem como conteúdo fundamental a relação entre uma mãe e sua filha, e traz fortes oposições semânticas como curiosida-

de e receio, amor e ódio, fidelidade e infidelidade, dúvida e certeza, segredo e confissão. Passa-se no texto de afirmações positivas como: “- Eu sou casada” (RODRIGUES, 2006, p. 109) para a oposição: “- Amo este homem.” (idem, p. 109), homem esse que não era seu marido.

Para iniciar o desdobramento polêmico da narrativa, há a figura do marido que viaja para a cidade deixando mulher e filha sozinhas em um hotel de montanha e o autor propicia, assim, um ambiente para que haja uma pré-disposição à suas intenções posteriores. Em seguida, mostra a ligação que a filha tem com o pai: “Na despedida, depois de beijar e ser beijada, a menina prometera, fixando no pai os olhos serenos: – Eu tomo conta da mamãe” (idem, p. 108). Em contrapartida, há a péssima relação entre mãe e filha: “[...] para Marina, a pior forma de solidão era a companhia da filha” (idem, p. 108).

O texto segue uma ordem, chamada privação, por ter um início sempre de afirmações (fidelidade, amor, certeza) e só no decorrer da história haver uma revelação das negações (infidelidade, ódio, dúvida). A mulher sozinha no hotel passa a flertar com um hóspede: “Ela o achou talvez bonito demais para um homem” (idem, p. 108), para a sua amiga afirmava ser fiel, que era casada, e que tinha receio de ser descoberta, temia principalmente sua própria filha que a vigiava, mas a curiosidade insistia em aparecer:

Na mesa parecia distraída ausente ou nervosa. De repente, porém tomou um susto. Percebeu que a filha não a desfitava, como se lesse, com apavorante vidência, os seus pensamentos mais secretos. Dissimulou tanto quanto possível”. (idem, p. 108).

A próxima personagem que aparece no texto traz o tema da dúvida: a amiga da mulher. É por meio de suas conversas e trocas de confidências que a curiosidade se torna uma dúvida e o flerte, recíproco: “Começou por dizer: - Está te olhando. Olha também sua boba!”. Essa passagem mostra, ainda, a imagem que Nelson tem da mulher em seus contos, sempre tentando igualá-la ao homem no sentido mais humano, pois naquela época (década de 1950) começavam a surgir os ideais de modernidade sobre o comportamento de homens e mulheres. Durante a conversa das duas, pode-se notar a mulher como ideal daquela época e a amiga como mais moderna a estimulando: “Mas a outra a cercava por todos os lados: - Flerte não tem importância. É uma coisa à-toa. Marina reagia: - Mas eu sou casada. – Ora, fulana! Você pensa o quê? Que mulher casada é paralelepípedo?”(idem, p. 109).

A sua dúvida é então transformada em certeza, vencida pelos argumentos da amiga, ocorrendo, assim, a fase da manipulação na narração quando um sujeito leva outro a fazer alguma coisa, nesse caso utilizando a tentação. A próxima fase é a de competência, quando a mulher vai procurar um fato que represente que ela pode fazer, no caso, trair o marido. Pode-se notar no texto esse momento, depois da conversa: “Tinha agora abstrações, melancolias; um perfume a fazia chorar ou desfalecer. Acabou admitindo para a desquitada: - Amo este homem.” (idem, p. 109). Com essa desculpa, então, desprende-se da culpa e resolve que pode encontrar-se com o bem-amado.

Encontra-o no corredor do hotel e marca horário no quarto, pois a filha teria ido dormir em outro quarto com uma amiga. Na manhã seguinte acorda tarde “[...] e com a sensação de que só agora começara a viver” (p. 111) e a filha entra no quarto com um copo na mão. Essa é fase da performance,

em que há a transformação do sujeito após a ação e em que segredos e mentiras são revelados. A filha diz: “[...] Eu me escondi no guarda-vestidos [...] Fiquei lá a noite toda [...]” (idem, p. 111).

Para fechar a narração, a mulher confessa para filha e quando pergunta o que quer que ela faça, a resposta foi: “Bebe isto.” Ela não compreendeu de início, mas a filha foi categórica, era veneno. “Marina olhou, com assombro, o líquido, claro, enquanto a filha repetia: – Ou tu, ou eu. Mariana fechou os olhos, foi bebendo até o fim. Largou, então, o copo que se estilhaçou no chão”.

Esse apelo dramático é utilizado pelo autor em todos os seus contos e essa isotopia, ou seja, essa repetição em seus textos é o que forma sua coerência semântica. Há uma unidade em seu discurso pela forma como estabelece os valores de forma a utilizar sempre os mesmos temas, de interesse do público, de maneira instigante e verdadeira.

11 Considerações finais

Respondendo ao problema central dessa pesquisa, nota-se depois da análise de apenas três contos do vasto número de histórias que compõem “A vida como ela é...”, que o autor utiliza uma forma “padrão” para escrever. Em seus temas há sempre relações familiares, papéis sociais de homens e mulheres da década de 1950 e a desmistificação da instituição da família e da ordem social.

Em seus contos, Nelson Rodrigues utiliza figuras chave que representam a sociedade brasileira de fato, revelando os dilemas e as contradições dessa sociedade de aparências. São pais desonestos, mulheres adúlteras, homens revoltados, ameaças de morte e finais dramáticos, uma mistura que o

autor conviveu e, por ser verdadeira, ganhou todo o público e foi sempre um sucesso.

Sempre na terceira pessoa, distanciando-se do texto, Nelson constrói seus contos com personagens intensas, pois são textos mais curtos e rápidos. Em seus contos pode-se perceber nitidamente a variação dos níveis do percurso gerativo: fundamental, narrativo e discursivo. No fundamental, nova repetição: as oposições revelam sempre um mesmo sentido, o da traição e acontecimentos trágicos. No nível narrativo, as fases estão muito bem separadas, primeiro a manipulação, depois a competência e, por fim, a performance. E no nível discursivo, em que também há a repetição, os recursos utilizados pelo autor são sempre os mesmos: o distanciamento, o efeito de realidade, a figuratização, tematização e isotopia, conceitos já vistos nesse trabalho.

De volta ao nível narrativo, uma importante constatação é que os contos têm sua relação de estado amiúde na forma de privação, pois começam utilizando as afirmações ou conjunções e depois passam a mostrar as disjunções (negações). Uma técnica utilizada por Nelson para gerar expectativa e suspense no leitor, fazer com que se interesse pela leitura e que no final seja, além de muito aguardado, surpreendente.

Analisando a biografia de Nelson Rodrigues, pode-se verificar a influência de seus valores, vivência e opiniões diretamente em seus contos. Nelson pôs em seus escritos, fatos que presenciou e também que fizeram parte da história dos brasileiros. Seus amigos assim que sabiam de algum caso na cidade, contavam para ele, e enquanto ouvia atento, ele só falava para pedir mais detalhes, todos sabiam que eram dessas situações que surgia sua inspiração. No dia seguinte, já esperavam, em algum momento do conto, que acabara de sair nas bancas, surgiria o caso com uma nova versão.

Esse fato reflete como a formação ideológica do sujeito conduz sua forma de expressão. O sujeito está ligado à cultura, história, sociedade, ele não está sozinho e não se forma sozinho. Sendo assim, a teoria semiótica traz uma análise, não apenas do conteúdo estrutural, mas do subjetivo que há no sujeito se utilizando de outras áreas como a cultura de massa ou a história para entender quais estruturas modelam tal discurso.

Esse trabalho com a análise dos contos mostrou, de forma clara e objetiva, os fundamentos das teorias apresentadas. Por meio de exemplos, citações e explicações, pôde-se compreender os passos utilizados pela teoria semiótica francesa para expor o plano de conteúdo de um determinado texto.

A pesquisa apresentada, todavia, não se encerra nesse trabalho. Há diversas temáticas que possibilitam uma continuidade, sob diferentes temáticas, para uma análise dos contos de Nelson Rodrigues. A análise do discurso, por exemplo, traz uma visão ampla e voltada diretamente para formação ideológica e discursiva do autor. Ou ainda a abordagem semiótica de Charles Peirce, apontando os diversos signos que há nos textos de “A vida como ela é...”¹

Semiotic Analyses of Nelson Rodrigues's speech in the tales “Life as it is...”

This paper deals the semiotic concept of the French school and the generative path of sense enable the analysis of the stories written and selected by Nelson Rodrigues to show the existing of sense in his discourse and the why of the used themes, that made his texts a great success with public. The three analyzed stories show themes and figuratives used by the author that let his stories always full of reality

and truth. These are themes that refer to all kinds of family relations guided for the opposites love and hate, fidelity and infidelity. The work is completed showing how Nelson Rodrigues had used in his stories, figures that represented the Brazilian society in that time, but that continues current to be freely inspired by the daily reality.

Key words: Nelson Rodrigues. Semiotics. Speech. Stories.

Nota

- 1 Agradecemos as considerações da Dra. Sumaia Sahade e Prof^a Etna Vasconcelos que ajudaram a enriquecer o conteúdo deste artigo.

Referências

BARROS, D. L. *Teoria semiótica do texto*. SP: ABDR, 2001.

CASTRO, R. *O anjo pornográfico*. A vida de Nelson Rodrigues. SP: Companhia das Letras, 2007.

DINIZ, Maria Lucia Visotto. *GES Grupo de estudos Semióticos*, Unesp/Bauru, 2000. Disponível em: http://webmail.faac.unesp.br/~mldiniz/grupos_de_estudo/grupo_de_estudos_semioticos.html. Acesso em 20 jul.2008.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. SP: Contexto, 2001.

RODRIGUES, N. *A vida como ela é*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

recebido em 10 ago. 2009 / aprovado em 17 dez. 2009

Para referenciar este texto:

SANTO, E. E.; ALMEIDA, M. O. de. Análise semiótica do discurso de Nelson Rodrigues nos contos de “A Vida Como Ela É...”. *Dialogia*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 291-303, 2009.
